

# **A força das palavras e da trajetória de Djamila Ribeiro**

**A feminista negra e escritora foi ovacionada ao entrar na Fundação Gulbenkian, aplaudida durante longo tempo - no início e no fim de sua apresentação**

**Por Tatiana Salem Levy**

**Valor, 21/07/2023**

No último 29 de junho, uma quinta-feira, dia de Oxóssi, a feminista negra e escritora Djamila Ribeiro entrou no auditório da Fundação Gulbenkian - um respeitado centro cultural em Lisboa - para falar diante de um público de mais de mil pessoas. Estava lotado não apenas o auditório onde ela estava, mas todos os outros, com projeção da conferência, e ainda os corredores do edifício. Foi o evento mais requisitado da história da fundação.

E foi também a primeira vez que Djamila veio falar em Portugal, este território incômodo mas necessário. Incômodo porque daqui veio a colonização, a escravização de antepassados da escritora; necessário porque, justamente por isso, é um país que precisa ouvir o pensamento produzido em suas antigas colônias, se quiser se repensar. E, se depender de quem ali estava, este movimento começa a se fazer. Djamila foi ovacionada ao entrar, aplaudida durante longo tempo - no início e no fim de sua apresentação. Foi muito bonito ver tanta gente ali para ouvi-la.

Eu conhecia Djamila Ribeiro de seus livros “Lugar de fala”, “Quem tem medo do feminismo negro?”, “Pequeno manual antirracista” e de suas colunas na “Folha de S. Paulo”. Mas, assim como a maioria das pessoas ali presentes, nunca a tinha ouvido falar ao vivo. Fiquei emocionada de verdade. Deixei a Gulbenkian sentindo que ela havia conseguido algo especial: sua fala era ao mesmo tempo emocionante, inteligente, bem articulada e cativante. Acho que todo mundo ali se emocionou, aprendeu e começou, ou continuou, a pensar de forma diferente.

Percebi que muito do que ela havia falado ali estava no seu último livro, “Cartas para minha avó” (Companhia das Letras), que eu havia deixado escapar. Corrigi o erro e fui atrás dele. E era exatamente isso. O livro faz o mesmo movimento que ela havia feito na sua fala: a partir da sua história particular - sempre em relação com a história da sua mãe, da sua avó, do seu pai, dos seus irmãos - ela pensa os males de uma sociedade moldada pelo colonialismo, o machismo e o racismo. Sua trajetória, desde a infância até a mulher que se tornou, é uma das muitas formas de resistência, de um mundo possível que se abre com as histórias de mulheres como ela.

Pensar o macro a partir do micro é uma tendência cada vez maior nas novas teorias - e que traz muito do feminino e do feminismo, já que as mulheres passaram os séculos da nossa história condenadas aos pequeníssimos feitos: cozinhar, lavar, cuidar dos filhos, limpar a casa. E o pequeníssimo ficou sempre invisível ao lado das grandes histórias dos heróis que saíam para conquistar o mundo. Não foi diferente com Dona Antônia, avó de Djamila, nem

com sua mãe, Dona Erani. Se Djamilia teve que ser dura tantas vezes na vida para enfrentar o racismo e o machismo - isto é, a terrível combinação dos dois -, neste livro ela retorna a um lado afetivo, emocional, numa conversa com suas ancestrais. Mais particularmente, com a sua avó, a quem as cartas são dirigidas - “com essas cartas quero lhe contar quem me tornei”, diz a escritora.

Ela cresceu pensando que não queria se tornar uma mulher como elas, no sentido de ficar presa à casa. Seu pai, Joaquim, um estivador do porto de Santos, filiado ao Partido Comunista, vivia dizendo que não queria filha sua dependendo de homem - e, por isso, sempre incentivou os estudos, a vida cultural e a consciência política. Neste livro, ela faz as pazes com o feminino, com as mulheres fundamentais em sua vida - afinal, quem lavou a sua roupa? Quem penteou o seu cabelo? Quem a defendeu nos momentos de sufoco? Nada de quem Djamilia é existiria sem a presença e o afeto dessas mulheres - uma, afetuosa na doçura; outra, na autoridade.

“Lembro também, vó, de seu colo quente e amoroso, das suas mãos rápidas que benziam meu corpo enquanto sussurrava rezas quase incompreensíveis”, diz Djamilia. De Dona Antônia, que na abertura do livro aparece numa fotografia vestida de branco, veio também a entrega ao candomblé. Dela e da mãe, que, quando Djamilia tinha oito anos, disse que ela deveria ser iniciada. Um chamado que não aconteceu aos seus irmãos. Mas um chamado que precisou de anos para ser respondido com a potência que merecia.

Ao voltar para a escola depois de ter sido iniciada no candomblé, Djamilia foi alvo de muito preconceito. Ela estudava no Colégio Moderno dos estivadores, onde a maioria dos estudantes era branca. Foi discriminada ao aparecer com um turbante, arrancado por um menino para que zombassem de sua cabeça careca, fruto da iniciação. Por muitos anos, teve vergonha de dizer que era do candomblé e quis negar a sua religião de origem - algo muito frequente na nossa sociedade, fruto do colonialismo.

Só depois de ter sido mãe, de ter se formado em filosofia, de ter percorrido um trajeto considerável, aos 33 anos, Djamilia conseguiu voltar para as suas raízes. Movimento fundamental para a pensadora que é hoje. Para fazer as pazes com suas mulheres. Para compreendê-las melhor. Aliás, compreensão é uma boa palavra para a escuta e a leitura de Djamilia - que nos proporcionam, através de sua história, uma compreensão do que é ser mulher negra no Brasil, as dificuldades que elas sofrem apenas por terem nascido mulheres negras. São, no Brasil e fora, associadas à mulher sexualizada; ou à dona de casa, empregada doméstica, trabalhadoras de serviços considerados menores. Nunca uma filósofa, nunca uma agente de pensamento.

A compreensão vem junto com a produção da escrita, com o enfrentamento dos fantasmas e das dores que se mantêm mesmo com o passar dos anos. “Evitei essa conversa por muito tempo. Confesso que sucessivos lutos - meu pai morreu um ano após a minha mãe - me fizeram agir no automático”, afirma a autora. Agir no automático significa sucumbir à “obrigação de fortaleza insuportável”, não chorar, ser forte, seguir caminhando, enfrentando todos os olhares enviesados, as palavras que ferem. Quando decidiu prestar vestibular e cursar filosofia na Unifesp, Djamilia ouviu barbaridades do tipo: “Você vai abandonar seu filho com o pai?”. Ou, de seu chefe, que não quis demiti-la: “É um sonho sem sentido. (...) Nem sempre se pode fazer o que se quer”.

Não foi pouca coisa que Djamila Ribeiro enfrentou até se tornar umas das 100 mulheres mais influentes do mundo na lista da BBC, vencedora de um Jabuti para ensaio, eleita “Personalidade do amanhã” pelo governo francês. Se já não é fácil para ninguém, imaginem para uma mulher negra nascida no Brasil? “Preto tem que andar arrumado”, dizia Dona Erani - pois precisa provar que não é sujo. E isso se estende a tudo - pretos e, sobretudo, pretas precisam provar o tempo todo que são quem são, e não o estereótipo que as definem. Mas “Cartas para minha avó” é também uma tentativa de poder descansar desse lugar tão exigente, exaustivo. Tendo perdido a avó aos 13 anos e a mãe aos 20, Djamila declara: “Acredito que contar minha própria história é um modo de revivê-las”.

Ao relatar várias frases absurdas que ouviu na vida, a autora cita a seguinte: “Pare com essa história de racismo, eu sou branca e sou sua amiga. Racismo é coisa do passado, acho você um pouco paranoica”. Ainda bem que ela não parou - pois, se o racismo começa no passado, se estende até hoje. E sem mulheres como Djamila fica difícil acreditar que possa haver um mundo sem ele.

**Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente**  
**E-mail: [tatianalevy@gmail.com](mailto:tatianalevy@gmail.com)**